

***Estranho, um cara comum, processos de criação de um corpo em arte.***

***Flávio Rabelo. Mestrando em Artes***

Unicamp.

Palavras chaves: processos criativos, corpo em arte, *performance art*.

O estado necessário da mente é uma disposição passiva a realizar um trabalho ativo, não um estado pelo qual “queremos fazer aquilo”, mas “desistimos de não fazê-lo”.  
Jerzy Grotowski.

No início desta pesquisa<sup>1</sup>, a criação da primeira *performance* solo esteve relacionada a três encontros. Naquele momento, onde pretendia assumir pela primeira vez o meu corpo como suporte e agente único do acontecimento cênico, estava atraído por estados de solidão do homem contemporâneo como vetor de criação.

O primeiro encontro que define os rumos desta trajetória, ocorreu com a obra *Vidas Secas* do escritor alagoano Graciliano Ramos<sup>2</sup>. A solidão como contingência da condição humana é uma abordagem marcante e recorrente em toda a obra desse autor. Sua narrativa concisa, onde só há espaço para o vocábulo exato, revela o paradoxo do ser humano na afirmação de sua individualidade. Seus personagens são guerreiros solitários que lutam contra os obstáculos cotidianos; isolados, ávidos de si mesmo, numa rede de agenciamentos onde o egoísmo decorre dessa impossibilidade de contato com o outro. Vejamos:

- Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

-Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (Ramos, 1938: 20).

Graciliano transmite essa sensação da descoberta de si mesmo como um reflexo do outro, acompanhada de uma asfixiante sensação de que não há possibilidades de coexistência; ou vencemos ou somos vencidos por este outro; como bichos, lutamos para vencer nossas dificuldades. E é esta espantosa sensação de descoberta do outro que vai moldando e conduzindo as personagens, passo a passo, nesta exasperada e opressiva batalha desigual.

No final do livro, Graciliano coloca seus personagens caminhando em direção a cidade, destino de quem foge do flagelo da seca do sertão nordestino, onde a miséria e a fome fazem parte de uma lenta, profunda e interminável luta contra a natureza desafiadora e agressiva e, principalmente, os interesses financeiros de uma minoria. Nesse sertão amarelo e murcho, Graciliano constrói a saga de uma família composta de criaturas resignadas diante de seu

destino trágico. Numa obra onde a solidariedade é transgressão, os personagens mal falam, mal conseguem coordenar seus pensamentos e vivem num vínculo de um amor primitivo onde a união é contingencial. Assim:

Miudinhos perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem animo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava (Ramos, 1938: 14).

Esta imagem afetou-me como colírio, limpando meu olhar para algo que já se tornara invisível há algum tempo. Quis encontrar aquela família e fui procurá-la nas ruas de minha cidade. Andando pelas ruas dos bairros de Jaraguá e do Centro da cidade de Maceió, encontrei inúmeras figuras “gracilianas” que têm nas calçadas seu único refúgio. Alguns estavam em família ou em pequenos grupos, mas a maioria encontrava-se só, largadas em seu destino.

Estranhei o que meus olhos não viam mais, estranhei o invisível das ruas, estranhei o grande número de corpos sentados nas calçadas das cidades de Maceió, geralmente com os olhares voltados para o chão, só alguns lamentos ou pedidos traduzidos em pequenos gestos ou sons esporádicos, quando não o silêncio absoluto. A abstração, a fantasia, o delírio. A concretude da cidade, o cotidiano em seus detalhes mais cruéis.

O que Graciliano havia me mostrado, afetou profundamente minhas reflexões, principalmente a partir do diálogo traçado com idéias do psicólogo Jurandir Freire (2000) sobre o estado de *alheamento em relação ao outro*; postura social predominante e estabelecida como condição na presente conjuntura sócio-política. Segundo Freire:

O fato do alheamento de indivíduos ou grupos humanos em relação a outros não é novo na dinâmica social. A capacidade que temos de tornar o outro um ‘estranho’, alguém que não é de ‘*chez nous*’, foi discutida exaustivamente por numerosos estudiosos... e consiste numa atitude de distanciamento, em que a hostilidade ou o vivido persecutório são substituídos pela desqualificação do sujeito como ser moral (Freire, 2000: 79).

A miséria alheia se banalizou, dilui-se a real crueldade de sua existência entre novelas e noticiários jornalísticos. Verificamos desta forma que

o que choca, no Brasil, não é tanto a truculência das agressões noticiadas, mas a impotência com que aprendemos a reagir a tudo isto. Cotidianamente nossos jornais mostram cenas estupefacentes em que o horror e circo parecem misturar-se, ao mesmo tempo em que proliferam as estratégias da ‘salvação’ individual, no sentido do termo dado por Max Werber. Para as elites, o que resta é tentar ‘ser feliz’ individualmente. Mas na busca desesperada por algo que dê sentido à vida, entretanto, elas parecem perder o mundo e a si mesmas. (Freire, 2000: 82).

É neste contexto que ocorre o segundo encontro. Um senhor, em silêncio absoluto, sentado numa ladeira, em frente à Catedral Metropolitana Nossa Senhora dos Prazeres. Um homem que tinha largado tudo na vida para ficar ali, aparentemente inerte. Que ironia. Ele ali,

sentado, olhando para o chão; eu ali, em pé, olhando para ele com uma máquina fotográfica na mão. Mais uma vez opostos se encontram, o paradoxo se instaura. Algo que se conecta por estranhamento. Um ruído. Um *click*. Uma imagem extremamente comum torna-se estranha e enigmática, e, paradoxalmente revela-se. Vale lembrar do *unheimlich* de Freud, que usando Schelling, afirma: *unheimlich* é tudo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio a luz (FREUD, 1996: 243).

Fui fisgado, atraído por aquele espaço, e tudo que eu estava construindo para performance solo se reestruturou.

Algumas perguntas não me esqueciam: como alguém pode largar-se neste espaço? Que espaço é este? Como é possível, que ele, o velho Coruripe, possa ter abandonado sua casa, seu trabalho e sua família para ir viver nas ruas? E se eu fizesse o mesmo?

Ao estranhar o outro, me estranhei. E a percepção de minha cegueira cotidiana me levou a agir. Este foi o terceiro encontro; o encontro com o que sou e tudo aquilo que eu posso ser. Não apenas enquanto pensamento, mas principalmente em ação. Encontrei meu corpo e resolvi despertar suas potencialidades, agir sob meu desejo e risco.

Até aquele momento, tinha agido muito mais como professor ou encenador de teatro. Valia-me de outros corpos para realizar minhas criações e ali, este jogo se invertia em favor da descoberta de minha própria corporeidade cênica/performativa. E desta forma, como uma ação em resposta a estes estranhamentos, encontros e dúvidas, a este fluxo de revelações, surgiu a ação-performativa “*Estranho, um cara comum*”, que dá origem a série de ações em processo que hoje chamo *corpoestranho*,<sup>3</sup>.

A *performance* consiste em ficar doze horas sentado na calçada em frente à Catedral das cidades<sup>4</sup>, como quem desiste de ver o mundo como estava acostumado. Provocando e sendo provocado pelo olhar de quem passa. Um olhar que transita pela possibilidade de ser notado ou não. Um corpo que é visível ou não a partir da sua capacidade de manipulação do eixo tempo/espaço. Cotidiano e performativo a partir das micro ações executadas. Uso apenas um espelho velho, um despertador quebrado e um pedaço de carvão como objetos durante a performance. Busco um corpo em fluxo mesmo que sentado quase imóvel numa calçada; mantendo uma relação constante com as dinâmicas de paisagens internas e externas, o dentro e o fora, multi-relacional, e também um corpo imagem, instaurado. Estou, assim, interessado em caminhar por estas fronteiras, na busca de um cotidiano em estado de arte pelo que se dá no entre vazio. E lá, sentado no lugar do Coruripe, é onde vivo o paradoxo da ação. Agir? Ou não agir? Eis a questão na fronteira.

## **Bibliografia:**

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem-criação de tempo/espaço de experimentação**. 1ª Edição. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Work in Progress na cena contemporânea: criação, encenação e recepção**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERRACINI, Renato. **Corpos em Criação, Café e Queijo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

FREIRE, Jurandir. **O Desafio Ético**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

FREUD, Sigmund. **O Estranho**. In. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918). Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas Volume XVII).

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 59ª Edição. São Paulo: Record, 1989.

<sup>1</sup>Iniciada em 2003, na graduação em Artes Cênicas – Licenciatura/Teatro pela UFAL, com orientação da Dr<sup>a</sup> Nara Salles.

<sup>2</sup> Durante a criação da performance *Chão de Graça, ou poço da pedra*, para a exposição “O Chão de Graciliano”, realizada pelo SESC - SP, Governo do Estado de Alagoas através da Secretaria Executiva de Cultura, na Fundação Pierre Chalita, no ano de 2003. No processo fui roteirista e encenador da performance executada por Jorge Shutze, Glauber Xavier, Valéria Nunes, Nadja Rocha, Tácia Albuquerque, Magnum Ângelo e Jonathan Albuquerque.

<sup>3</sup> Com orientação de Renato Ferracini, co-orientação de Fernando Villar e financiado pela Fapesp.

<sup>4</sup> Já realizei a performance em Maceió/Al; Penedo/Al; Salvador/Ba e Londres/UK.